

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A CERÂMICA DE TIPO *KUASS* DE MONTE MOLIÃO (LAGOS)

Elisa de Sousa / UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / el@fl.ul.pt

Ana Margarida Arruda / UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / a.m.arruda@fl.ul.pt

RESUMO

As intervenções realizadas em Monte Molião (Lagos) permitiram exumar um conjunto significativo de cerâmicas de tipo Kuass. Os estudos destas produções de matriz helenística, fabricadas na área meridional da Península Ibérica e no litoral atlântico marroquino, têm sido intensificados durante a última década, subsistindo, contudo, algumas problemáticas relativas ao seu enquadramento cronológico, concretamente quanto à fase final da produção. A existência de contextos estratigráficos conservados no sítio algarvio, que se estendem desde a Idade do Ferro até ao período romano-republicano, constitui um recurso privilegiado para a análise dos padrões de importação destas cerâmicas. Neste trabalho, pretende-se analisar a evolução das suas características morfológicas, de fabrico, e ainda a sua expressividade no conjunto artefactual pré-romano e republicano, face a outros tipos de cerâmica de mesa.

ABSTRACT

In the course of archeological fieldwork that took place in Monte Molião (Lagos) it was possible to recover a significant assemblage of Kuass ware. The studies of these Hellenistic productions, manufactured in the south of the Iberian Peninsula and in the Atlantic coast of Morocco, have intensified during the last decade, subsiding, however, some problems related to their chronological framework, particularly in the final phase of production. The existence of preserved stratigraphic contexts in Monte Molião, from the late Iron Age to the Roman-republican period, is a privileged resource for the analysis of the patterns of imports of these ceramics. In this paper, we will analyze the evolution of their morphological characteristics, fabrics, and also its significance in the pre-roman and republican assemblage, when compared to other categories of tableware.

1. INTRODUÇÃO

A cerâmica de tipo Kuass assumiu, durante a última década, um papel essencial na identificação da fase mais tardia da Idade do Ferro na área meridional do território peninsular. A sua produção, que se estende desde o último quartel do séc. IV a.C. até ao período romano-republicano, passa por diferentes fases de evolução morfológica, que se transformaram em indicadores essenciais para uma delimitação, mais específica, das cronologias de ocupação humana no sul da Península Ibérica.

No início da produção, a cerâmica de tipo Kuass caracteriza-se, sobretudo, pela imitação de formas do repertório da cerâmica grega de verniz negro, convertendo-se, no séc. III a.C., na cerâmica de mesa por excelência da área do Círculo do Estreito de Gibraltar (Niveau, 2003). Com a integração da

área meridional peninsular no quadro da ocupação romana, estas cerâmicas serão progressivamente substituídas pelas produções campanienses. No entanto, ao longo do séc. II a.C., observa-se ainda alguma capacidade de adaptação dos centros oleiros ocidentais, que passam a incluir algumas formas itálicas no seu repertório, permanecendo activos até finais da centúria e, muito provavelmente, até meados do séc. I a.C., apesar de neste momento assumirem já uma expressão claramente residual (Sousa, 2009 e 2010).

A estratigrafia identificada ao longo das cinco campanhas de escavações que tiveram lugar em Monte Molião (Lagos), que engloba justamente estes momentos finais da Idade do Ferro e o período romano-republicano, permite uma análise pormenorizada dos padrões de importação das cerâmicas de tipo Kuass num centro de consumo que se en-

contra plenamente integrado nos circuitos comerciais do Extremo Ocidente.

Estas intervenções (2006-2011), realizadas no âmbito de um projecto de investigação que envolveu o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e a Câmara Municipal de Lagos, permitiram uma reconstituição fundamentada das diversas fases de ocupação humana (Arruda & alii, 2008). Localizado numa colina elipsoidal na margem esquerda da ribeira de Bensafirim, que na Antiguidade corresponderia a uma pequena península (Pereira, Dias & Laranjeira, 1994), este núcleo usufruiu de um amplo domínio visual do território envolvente, condições que seguramente contribuíram para a fixação de comunidades humanas.

A sua fundação parece ter ocorrido, contudo, apenas em momentos tardios da Idade do Ferro, concretamente em finais do séc. IV a.C. (Arruda & alii, 2008; Sousa & Arruda, 2011). O conjunto artefactual recolhido nos níveis sidéricos engloba ânforas da baía e campião gaditana e também de outras áreas mais interiores (série 12 de Ramon Torres, tipos 8.1.1.2., 8.2.1.1., D e B/C de Pellicer). A cerâmica comum, mais abundante, é proveniente sobretudo da área gaditana, notando-se, contudo, alguma expressividade das produções locais (Sousa & Arruda, 2011). Dados mais concretos sobre o faseamento pré-romano estão disponíveis em outros trabalhos entretanto publicados (Arruda & alii, 2008; Sousa & Arruda, 2011).

A partir do último terço do séc. II a.C., registam-se as primeiras evidências de uma ocupação romana em Monte Molião, fase que se prolonga até às primeiras décadas do séc. I a.C. O espólio recolhido nestes contextos estratigráficos inclui ânforas de produção itálica (Greco-Itálicas e Dressel 1A), africana (Tripolitana Antiga e Maña C2) e gaditana (Maña C2, Castro Marim 1, D de Pellicer, Dressel 1A, Maña Pascual A4, Carmona, 9.1.1.1) (Arruda & Sousa, 2013). Entre a cerâmica de mesa, destaca-se, para além da cerâmica de tipo Kuass, a cerâmica campaniense (de tipo A e Calena) (Dias, 2010) e alguns vasos de paredes finas. Entre a cerâmica comum e pintada, observa-se uma clara continuidade com a fase anterior, com um domínio absoluto das produções gaditanas, que convivem com conjuntos menos expressivos provenientes do interior do Guadalquivir, da costa oriental da Península Ibérica, e também da Península Itálica (Sousa & Arruda, no prelo).

2. A CERÂMICA DE TIPO KUASS DE MONTE MOLIÃO

No decurso das cinco campanhas de escavação realizadas em Monte Molião, foram recolhidos 410 fragmentos inventariáveis de cerâmica de tipo Kuass (308 NMI). Correspondem, respectivamente, a nove vasos de perfil completo (9 NMI), 276 bordos (265 NMI), 107 fundos (33 NMI) e 18 paredes (1 NMI).

As suas características de fabrico são idênticas às de outros conjuntos algarvios já analisados, como é o caso de Faro e do Castelo de Castro Marim, indiciando que foram os mesmos centros de produção que abasteceram toda a costa algarvia durante a Idade do Ferro e período romano-republicano. Assim, foi possível transpor, para este trabalho, os mesmos grupos de fabrico diferenciados para os restantes sítios já citados (Sousa, 2009; Sousa & Arruda, 2011, pp. 961-963).

Os três primeiros (Grupo I – fabrico A e B; Grupo II; Grupo III – fabrico A e B) são, muito provavelmente, originários da área de Cádiz. Em relação ao Grupo IV, e apesar de se ter assumido uma provável proveniência do litoral atlântico marroquino em trabalhos anteriores (Sousa, 2009; Sousa & Arruda, 2011), a recente identificação de uma área de produção na área do Guadalquivir (Moreno Megías & allii, no prelo) permite agora considerar também a possibilidade de uma origem peninsular.

Entre a cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião, os grupos I (I-A e I-B) e III (III-A e III-B) são os mais expressivos, representando, respectivamente, 47,73% e 45,78%, sendo os grupos II (2,92%) e IV (45,78%) minoritários.

2.1. Cerâmica de tipo Kuass recolhida em contextos da Idade do Ferro

Entre o conjunto artefactual proveniente das unidades estratigráficas que constituem a fase da Idade do Ferro de Monte Molião, a cerâmica de tipo Kuass representa 8,2% do conjunto (95 fragmentos - 77 NMI) (Sousa & Arruda, 2011, p. 961). É, a par de alguns escassos fragmentos de cerâmica grega, a cerâmica de mesa por excelência deste período cronológico.

As formas mais bem representadas correspondem aos pratos de peixe da forma II-A de Niveau (30 frag. – 26 NMI) e às taças de bordo reentrante da variante IX-A (30 frag. – 30 NMI). Seguem-se outras variantes da forma IX, concretamente a IX-B (3 frag. – 3 NMI) e IX-C (9 frag. – 9 NMI). As formas menos expres-

sivas correspondem aos tipos VII (1 frag. – 1 NMI), VIII (2 frag. – 2 NMI) e X (1 frag. – 1 NMI), para além dos fragmentos de fundo que não permitem uma classificação tipológica precisa (13 frag. – 5 NMI). Em termos de fabricos, o grupo I é maioritário (56 NMI – 72,73%) nesta fase, seguindo-se os grupos III (10 NMI – 12,99%), IV (6 NMI – 7,79%) e II (5 NMI – 6,49%).

2.2. Cerâmica de tipo Kuass recolhida em contextos romano-republicanos

Nos contextos de cronologia romano-republicana (último terço do século II / primeiras décadas do séc. I a.C.), foram recolhidos 149 fragmentos de cerâmica de tipo Kuass (115 NMI). Entre as categorias que constituem o serviço de mesa (campaniense, paredes finas e cerâmica megárica), as produções de Kuass atingem ainda percentagens elevadas (em torno aos 40% – quase tanto como a cerâmica campaniense). Tal situação evidencia que, durante este período, a cerâmica de tipo Kuass desempenha ainda um papel importante no abastecimento de cerâmicas de mesa no sul peninsular, concorrendo ou suprimindo eventuais carências das redes de comercialização e distribuição da cerâmica campaniense.

Em termos formais, mantém-se a alta representatividade das taças da variante IX-A de Niveau (34 frag. – 34 NMI), assim como dos pratos de peixe do tipo II (46 frag. – 39 NMI). Em relação a estes últimos, cabe assinalar a predominância dos que não exibem a canelura junto ao bordo (tipo II – 21 frag. / 21 NMI), particularidade típica da fase mais tardia (Niveau, 2003), frente aos que ainda mantém essa característica (variante II-A – 12 frag. / 12 NMI). Quanto à forma IX-A, deve também assinalar-se a presença de dois exemplares, ambos de perfil completo (n.º 14220 e n.º 11190), que exibem um fundo plano, característica algo singular entre os vasos deste tipo, que se poderá associar também à fase mais tardia da produção. O restante elenco tipológico engloba as formas IV (1 frag. – 1 NMI), V (3 frag. – 3 NMI), VII (2 frag. – 2 NMI), VIII (3 frag. – 3 NMI), IX-B (2 frag. – 2 NMI), X (5 frag. – 5 NMI), XI (2 frag. – 2 NMI), Morel 1331 (2 frag. – 2 NMI) e Morel 2256 (2 frag. – 2 NMI). Importa ainda destacar que, entre este conjunto, foi possível reconhecer o primeiro fragmento de lucerna de tipo Kuass identificado em território português (n.º 19234). Trata-se de um exemplar integrável na forma XVI de Niveau (1 NMI), concretamente na variante XVI-D-2, que corresponde a um tipo de lucerna aber-

ta que parece conjugar elementos típicos quer das produções gregas quer das antigas lucernas fenícias (Niveau, 2003, p. 91). Identificou-se também entre o conjunto da fase romano-republicana dois exemplares (2 NMI) que correspondem a um tipo formal que não integra as tabelas tipológicas já estabelecidas para as cerâmicas de tipo Kuass. Trata-se de duas taças de paredes rectas (n.º 14838 e 12592), com orientação diagonal, fundo ligeiramente convexo e pé destacado. Corresponderá, com grande probabilidade, a uma forma que surge também apenas neste momento mais tardio de produção. Os exemplares que não permitiram uma integração tipológica (44 fragmentos – 17 NMI) encerram o repertório tipológico desta fase.

Durante o período republicano, a representatividade dos fabricos altera-se em relação ao quadro verificado durante a Idade do Ferro. O grupo III, que se presume originário da baía de Cádiz (Sousa, 2009) é agora maioritário (68 NMI – 59,13%) face ao I (40 NMI – 34,78%), enquanto os II (2 NMI – 1,74%) e IV (5 NMI – 4,35%) permanecem pouco expressivos.

2.3. Cerâmica de tipo Kuass recolhida em contextos secundários

A cerâmica de tipo Kuass recolhida em contextos secundários, de cronologia imperial e moderna / contemporânea, é abundante (166 frag. – 116 NMI). Em linhas gerais, verifica-se a mesma situação identificada nas fases já analisadas, com uma notável predominância dos tipos IX-A (50 frag. – 50 NMI) e II (27 frag. – 27 NMI da variante II-A; 17 frag. – 17 NMI sem canelura junto ao bordo; 17 frag. de fundo e lábio – 3 NMI). O restante elenco tipológico é constituído pelas formas V (2 frag. – 2 NMI), VII (6 frag. – 5 NMI), VIII (2 frag. – 2 NMI), X (1 frag. – 1 NMI) e por formas indeterminadas (44 frag. – 9 NMI). Entre estas, destaca-se o único fragmento de Monte Molião com decoração no fundo interno, que corresponde a parte de uma palmeta (n.º 6747). Nos fabricos, os grupos III (63 NMI – 54,31%) e I (51 NMI – 43,97%) são maioritários, sendo o II (2 NMI – 1,72%) raro e o IV completamente ausente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião resulta, em grande parte, da sua associação primária a momentos de ocupação concretos, que permitem uma análise contextual essencial para

uma melhor compreensão do quadro evolutivo desta produção (Figura 1).

Em termos gerais, observa-se o mesmo quadro de importações já detectado em outros sítios algarvios, concretamente em Faro e no Castelo de Castro Marim (Sousa, 2009), com a preeminência dos tipos II e IX-A, que se mantêm ao longo das fases de ocupação humana de Monte Molião.

Durante a Idade do Ferro, concretamente a partir do último quartel do séc. IV a.C., as produções de Kuass correspondem, quase exclusivamente, às cerâmicas integráveis no serviço de mesa, sendo de considerar que as formas importadas seriam utilizadas no consumo de alimentos quer sólidos quer líquidos.

Na fase republicana, estes recipientes parecem manter uma importância considerável nos conjuntos artefactuais algarvios. Com efeito, a importação das cerâmicas de tipo Kuass no sul do território português entre os finais do séc. II a.C. e os inícios da centúria seguinte não parece indicar uma fase de decadência destas produções, uma vez que, em Monte Molião, esta mantém um peso bastante expressivo (cerca de 40%) no conjunto da cerâmica de mesa, a par dos vasos de paredes finas e de cerâmica campaniense. Esta situação parece ser, contudo, exclusiva da área meridional do território peninsular, uma vez que estas produções são escassas ou estão mesmo ausentes de outros conjuntos coetâneos do território português, como é por exemplo, o caso de Lisboa (Pimenta, 2005) ou de Santarém. Tal fenómeno poderá ser justificado pela profunda integração do território algarvio, desde a Idade do Ferro, nas esferas comerciais, culturais e mesmo sócio-políticas da área do Círculo do Estreito de Gibraltar, que parecem permanecer ininterruptas durante a fase romano-republicana.

O sucesso das produções de Kuass nesta fase mais tardia pode relacionar-se com hábitos de consumo especificamente meridionais que se traduzem na utilização de formas concretas (como é o caso do prato de peixe) que não são produzidas, entre os finais do séc. II e os inícios do séc. I a.C., em cerâmica campaniense.

No entanto, é neste período que se verifica uma crescente influência da cerâmica de mesa itálica nas produções de tipo Kuass, que se traduz na imitação de algumas formas de cerâmica campaniense, como é o caso dos tipos Morel 1331 e 2256, também identificadas em Faro e nas imediações de Monte Molião (Sousa, 2009; 2010). Pensamos que a nova forma

que foi agora identificada, a taça de paredes rectas, se enquadra na mesma situação, podendo corresponder a uma imitação do tipo 31 ou 33 de Lamboglia, diferenciando-se, contudo, deste na morfologia do fundo.

Entre o repertório das cerâmicas de tipo Kuass da fase pré-romana e do período republicano cabe, contudo, assinalar uma maior diversidade do elenco tipológico durante os momentos mais tardios, situação já verificada em outros contextos de idêntica cronologia da costa algarvia (Sousa, 2009; 2010). Tal evidência é um outro factor que permite sustentar que estas produções não se encontram ainda num momento de acentuado declínio, e que a sua procura é ainda significativa entre os centros de consumo meridionais (Figuras 2, 3, 4 e 5).

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; BARGÃO, Patrícia; LOURENÇO, Pedro (2008) – Monte Molião (Lagos) - Resultados de um projecto em curso. Xelb. Silves. 8, pp. 161-192.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (2013) – Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). Spal. Sevilha. 22, pp. 101-141.

DIAS, Vanessa (2010) – A cerâmica campaniense de Monte Molião. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

MORENO MEGÍAS, Violeta; SÁNCHEZ SOTO, Pedro José; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; RUIZ CONDE, António (no prelo) – Caracterización mineralógica y físico-química de las imitaciones de vajilla Tipo Kuass en el valle del Guadalquivir.

NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2003) – Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica. Cádiz: Universidad.

PEREIRA, Ana Ramos; DIAS, João Manuel; LARANJEIRA, Maria Manuela (1994) – Contribuições para a geomorfologia e dinâmicas litorais em Portugal. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Rel. n.º 35, pp. 75-89.

PIMENTA, João (2005) – As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

SOUSA, Elisa (2009) – A cerâmica de tipo Kuass no Algarve. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Cadernos da Uniarq, 4).

SOUSA, Elisa (2010) – The use of “Kouass ware” during the republican period in Algarve (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*. 41, pp. 523-528.

SOUSA, Elisa; ARRUDA, Ana Margarida (2011) – A gaditanização do Algarve. *Mainake*. Málaga. 32 (II), pp. 951-974.

SOUSA, E.; ARRUDA, Ana Margarida (no prelo) – Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos – Portugal).

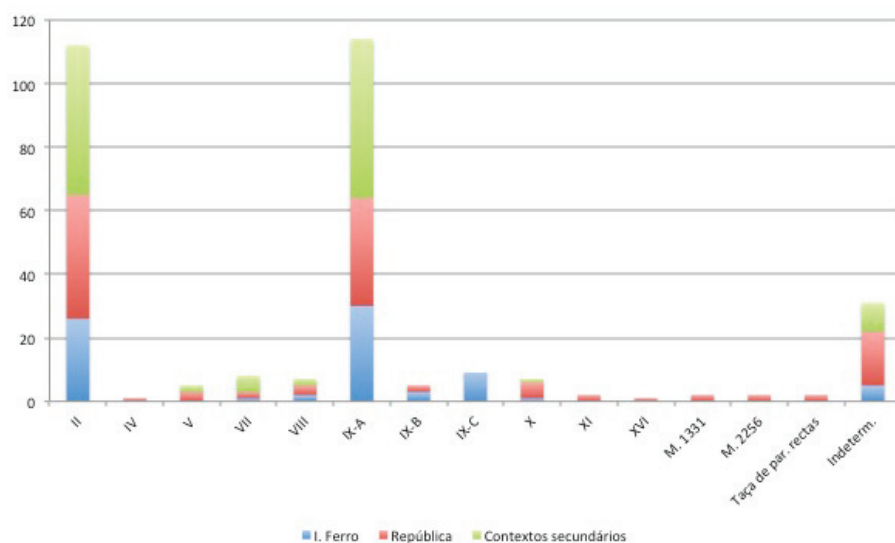


Figura 1 – Distribuição dos tipos formais da cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (base NMI).

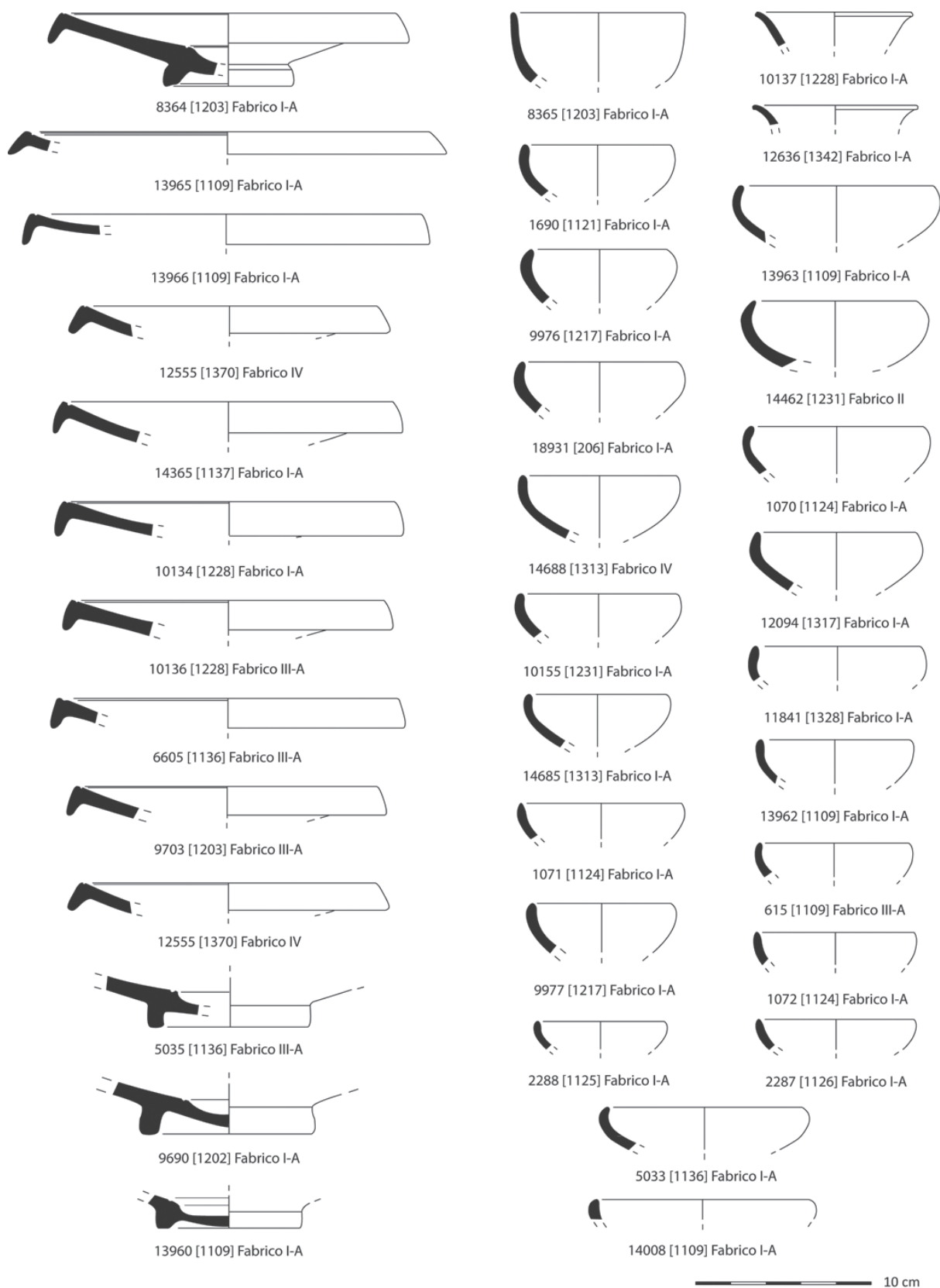


Figura 2 – Cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos da Idade do Ferro: forma II-A (8364, 13965, 13966, 12555, 14365, 10134, 10136, 6605, 9703, 12555), II (5035, 9690, 13960), VII (8365), VIII (10137, 12636), IX-A (1690, 9976, 18931, 14688, 10155, 14685, 1071, 9977, 2288, 13963, 14462, 1070, 12094, 11841, 13962, 615, 1072, 2287) e IX-B (5033, 14008).

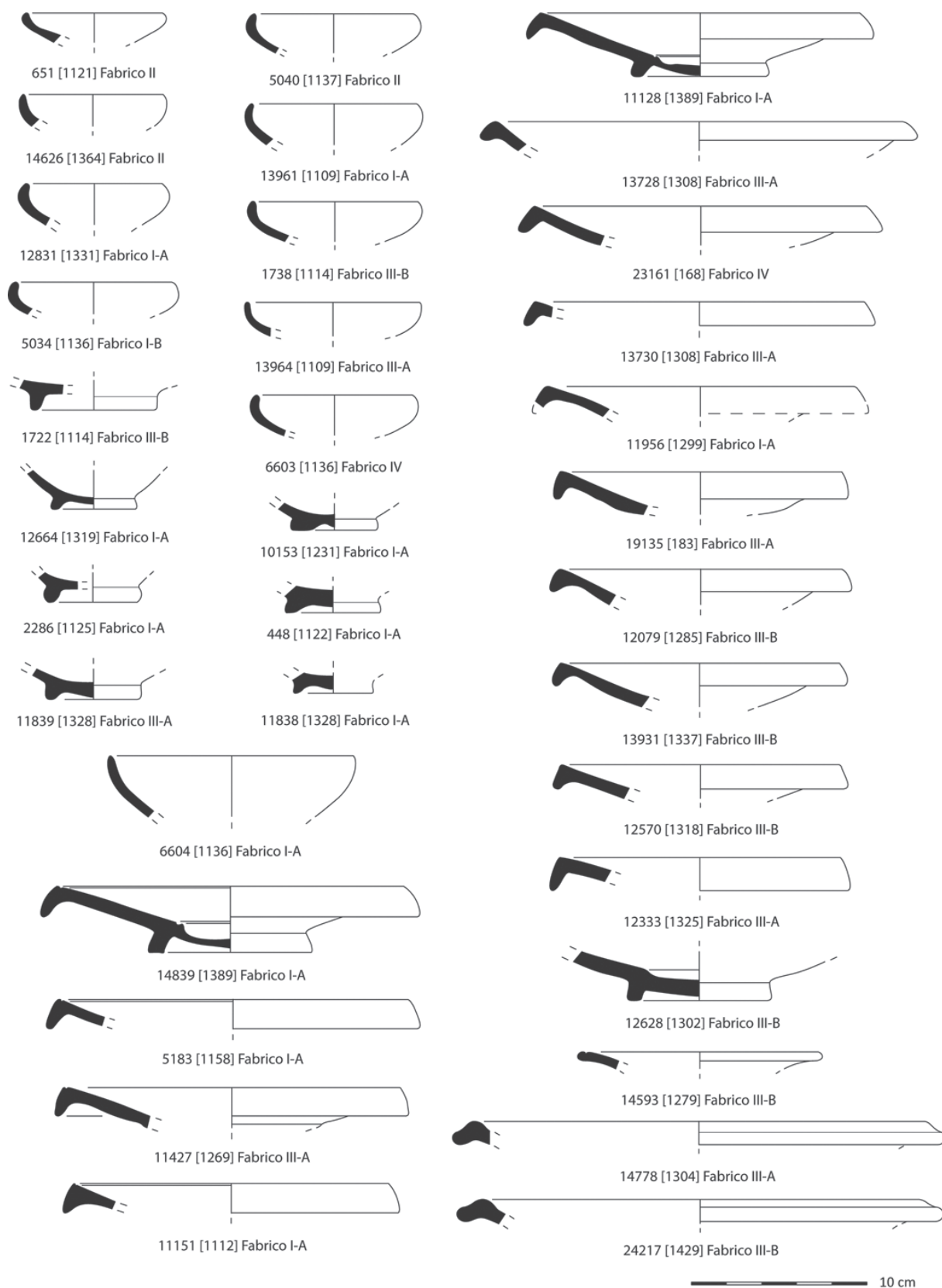


Figura 3 – Cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos da Idade do Ferro: forma IX-C (651, 14626, 12831, 5034, 5040, 13961, 1738, 13964, 6603), indeterminadas (1722, 12664, 2286, 11839, 10153, 448, 11838) e X (6604); cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos republicanos: forma II-A (14839, 5183, 11427, 11151), II (11128, 13728, 23161, 13730, 11956, 19135, 12079, 13931, 12570, 12333, 12628), IV (14593) e V (14778, 24217).

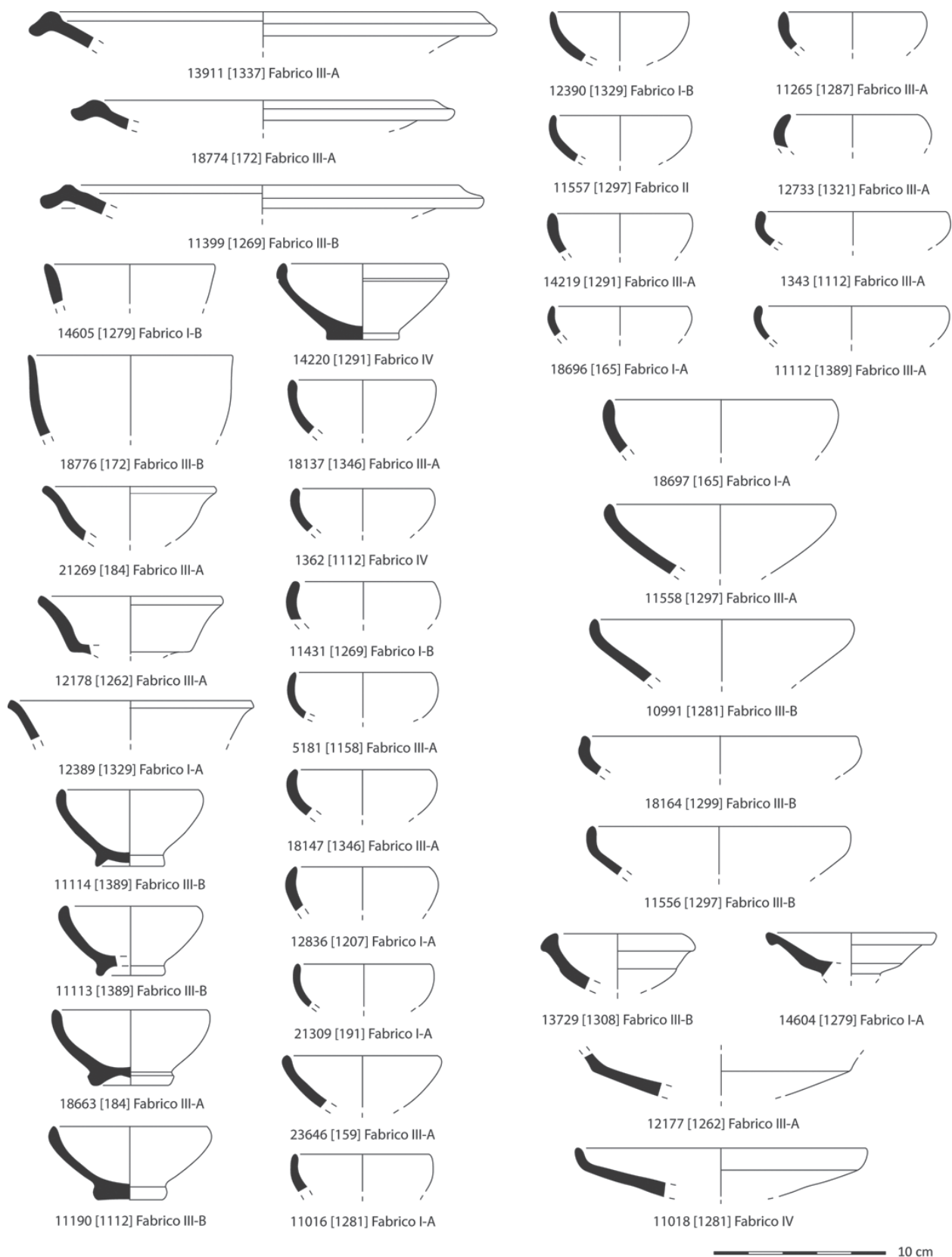


Figura 4 – Cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos republicanos: forma V (13911), Morel 1331 (18774, 11399), VII (14605, 18776), VIII (21269, 12178, 12389), IX-A (11114, 11113, 18663, 11190, 14220, 18137, 1362, 11431, 5181, 18147, 12836, 21309, 23646, 11016, 12390, 11557, 14219, 18696, 11265, 12733), IX-B (1343, 11112), X (18697, 11558, 10991, 18164, 11556), XI (13729, 14604) e Morel 2256 (12177, 11018).

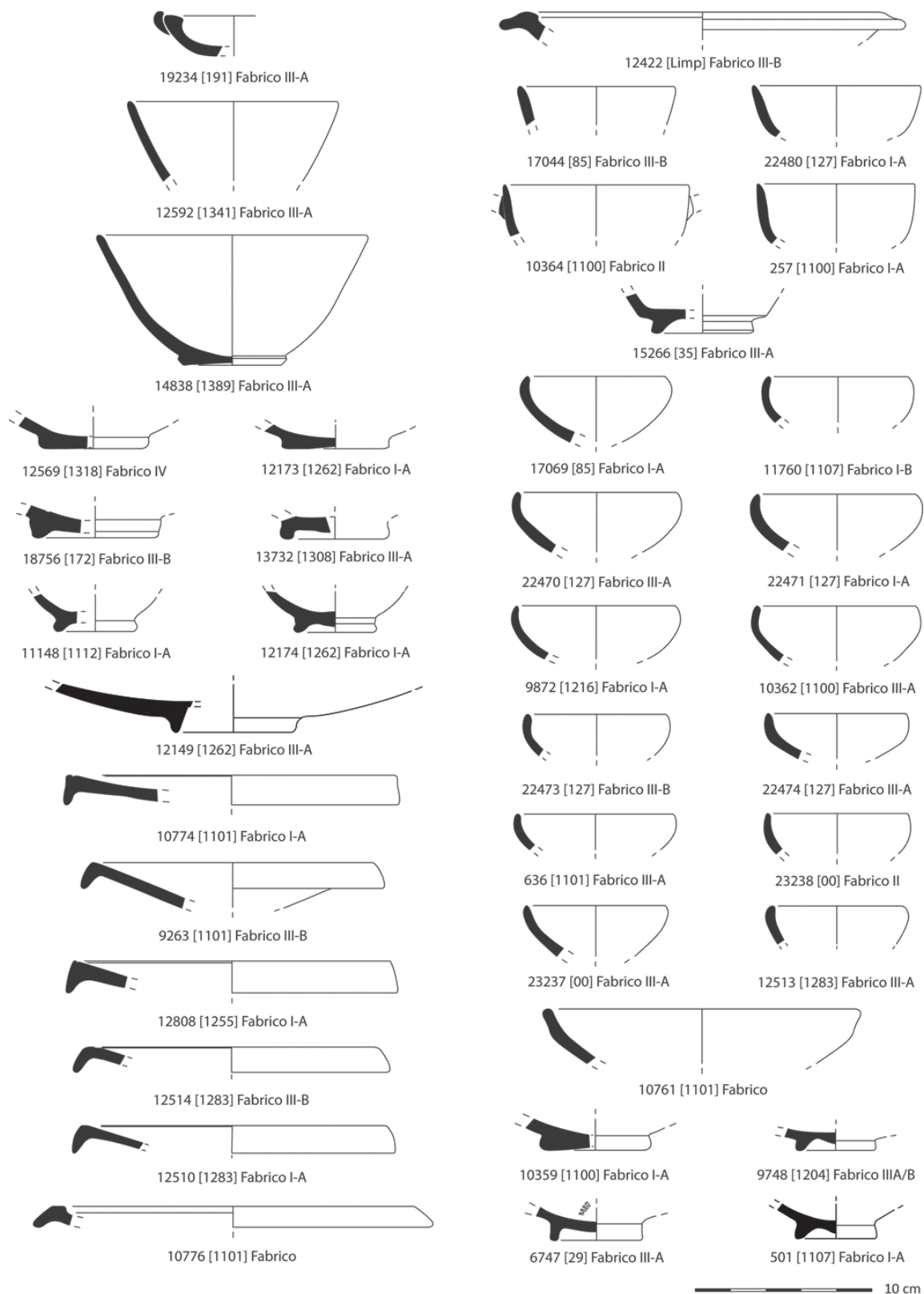
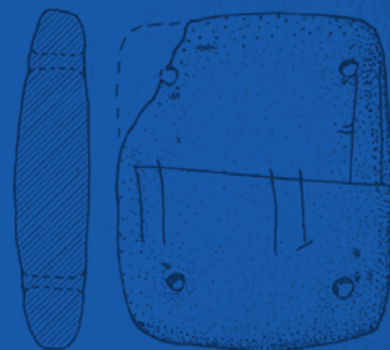
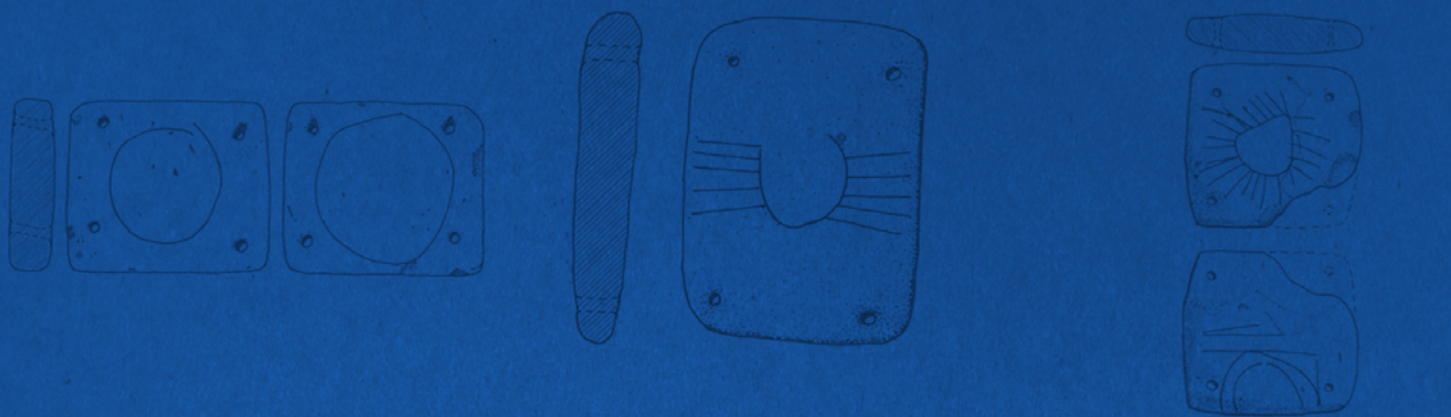
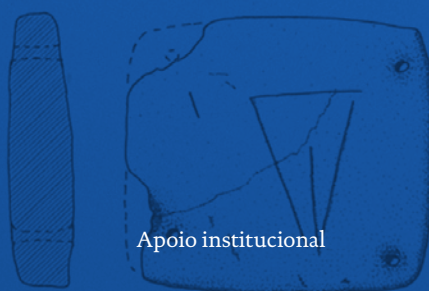


Figura 5 – Cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos republicanos: forma XVI (19234), taças de paredes rectas (12592, 14838), indeterminadas (12569, 18756, 11148, 12173, 13732, 12174, 12149); cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião recolhida em contextos secundários: forma II-A (10774, 12808, 12514), II (9263, 12510), V (10776, 12422), VII (17044, 10364, 22480, 257, 15266), IX-A (17069, 22470, 9872, 22473, 636, 23237, 11760, 22471, 10362, 22474, 23238, 12513), X (10761) e indeterminadas (10359, 9748, 6747, 501).

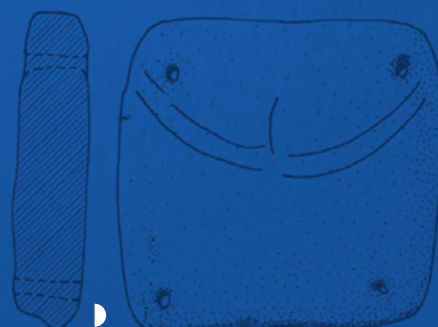


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua